



# A Santa Sé

---

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

*Deus escolhe os pequeninos*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 04 de 24 de Janeiro de 2014*

Deus escolhe sempre «o mais pequenino», chama-os pelo nome e estabelece com eles uma relação pessoal: é por isso que para dialogar com ele é preciso antes de mais ser «pequenino». Recordou o Papa Francisco na missa celebrada na **terça-feira, 21 de Janeiro**, memória litúrgica de Santa Inês virgem e mártir.

Precisamente a leitura do primeiro livro de Samuel (16, 1-13a) que narra a unção de David, sugeriu ao Pontífice a reflexão para a homilia. «A relação do Senhor com o seu povo — disse — é uma relação pessoal, sempre». É por esta razão, explicou, que «o Senhor nunca fala ao povo» como se se dirigisse a uma «multidão». Além disso, o Senhor «escolhe pessoalmente», acrescentou o Papa sugerindo o exemplo da «narração da criação. O próprio Senhor, que com as suas mãos faz artesanalmente o homem, atribui-lhe um nome: chamas-te Adão. Começa assim aquela relação entre Deus e a pessoa».

O Papa indicou depois outro aspecto fundamental: «quando Deus deve escolher as pessoas, inclusive o seu povo, escolhe sempre os pequeninos». Prossequindo a reflexão sobre «este diálogo entre o Senhor e a nossa pequenez, a pequenez de cada um de nós», o Papa fez uma pergunta: «Onde está a fidelidade cristã?». E respondeu: «A fidelidade cristã, a nossa fidelidade consiste simplesmente em conservar a nossa pequenez para poder dialogar com o Senhor». Eis por que «a humildade, a suavidade e a mansidão são tão importantes na vida do cristão: são uma preservação da pequenez». São as bases para levar sempre em frente «o diálogo entre a nossa pequenez e a grandeza do Senhor».

Na manhã de **segunda-feira, 20 de Janeiro**, o Papa Francisco propôs a reflexão sobre discernimento e docilidade: duas palavras que descrevem a atitude justa para viver a liberdade da palavra de Deus, rompendo esquemas e hábitos com a capacidade de se adaptar às surpresas contínuas e à novidade.

O Pontífice centrou a sua meditação nas leituras propostas pela liturgia — o trecho tirado do primeiro livro de Samuel (15, 16-23) e a passagem evangélica de Marcos (2, 18-22) — que ajudam a «reflectir sobre a palavra de Deus» e acerca da «nossa atitude diante da palavra de Deus». As duas leituras — disse — «falam-nos desta atitude que devemos ter» diante da «palavra de Deus: a docilidade». A palavra de Deus é viva. A palavra de Deus «é livre». E é «também surpresa, porque o nosso Deus é o Deus das surpresas. É novidade. O Evangelho é novidade. A revelação é novidade».

Na sua reflexão, o Papa voltou ao trecho do primeiro livro de Samuel. As palavras de Samuel «fazem-nos pensar no significado da liberdade cristã, o que é obediência cristã», disse o Papa. «A liberdade cristã e a obediência cristã é docilidade à palavra de Deus; é ter a coragem de se tornar odre novo para o vinho novo que é concebido continuamente. A coragem de discernir sempre, discernir — e não relativizar — sempre o que faz o espírito no meu coração, o que o espírito quer no meu coração, para onde me leva o espírito no meu coração. E obedecer». Concluiu com as duas palavras-chave da sua meditação, «discernir e obedecer», e com uma oração.

O Santo Padre na **sexta-feira 17 de Janeiro** convidou a viver a «docilidade espiritual» sem «vender» a própria identidade cristã. A «mundanidade espiritual» é uma tentação perigosa porque «amolece o coração» com o egoísmo e insinua nos cristãos um «complexo de inferioridade» que os leva a uniformizar-se com o mundo, a agir «como fazem todos» seguindo «a moda mais divertida».

O Pontífice partiu da leitura litúrgica tirada do primeiro livro de Samuel. Meditando quanto é narrado no livro de Samuel «vimos — prosseguiu — como o povo, afastado da palavra de Deus, tinha sofrido aquelas derrotas» que tinham provocado muitíssimos mortos e deixado «viúvas e órfãos». Eram «as derrotas» de um povo que «se tinha afastado» do caminho indicado pelo Senhor.

Sem dúvida, esclareceu o Papa, «é verdade que o cristão deve ser normal, como são normais as pessoas. Mas — admoestou — há valores que o cristão não pode ficar com eles». E «a normalidade da vida exige que o cristão seja fiel à sua eleição». Esta sua eleição nunca deve «ser vendida para se encaminhar rumo a uma uniformidade mundana». «A tentação — frisou o Pontífice — endurece o coração. E quando o coração é duro, quando não está aberto, a palavra de Deus não pode entrar». Eis a prioridade: «Receber a palavra de Deus para não se afastar da eleição».

Na oração no início da missa — recordou o Pontífice — pedimos a graça de superar os nossos egoísmos, em particular o de querer fazer a própria vontade.

«Sentimos vergonha dos escândalos na Igreja?». Foi um exame de consciência profundo o que o Papa Francisco propôs na **quinta-feira, 16 de Janeiro**. Um exame de consciência que vai à raiz das razões dos «muitos escândalos». E precisamente por causa dos escândalos não se dá ao povo de Deus «o pão da vida» mas «uma refeição envenenada». Os escândalos — explicou o Papa — aconteceram porque «a palavra de Deus escasseava nos homens e mulheres» que os cometeram, aproveitando-se da própria «posição de poder e de comodidade na Igreja» sem contudo nada ter a ver com «a palavra de Deus». Porque, frisou, de nada serve dizer «tenho uma medalha» ou «uso a cruz» se não «tivermos uma relação viva com Deus e com a sua palavra!».

A reflexão do Pontífice foi inspirada pela oração do salmo responsorial — número 43 — proclamado na liturgia do dia. Uma prece que se refere a quanto é narrado na primeira leitura, isto é, à derrota de Israel. Fala-se também no primeiro livro de Samuel (4, 1-11). O salmo citado pelo Papa recita: «Senhor, rejeitastes-nos e confundistes-nos; e já não ides a frente dos nossos exércitos. Fizestes-nos recuar diante do inimigo e quantos nos odiavam depredaram-nos». Foi com estas palavras disse o Pontífice, que «o justo de Israel rezou depois de muitas derrotas que sofreu na sua história». Contudo, neste contexto, prosseguiu o Papa, o povo «dá-se conta» que está «distante de Deus e diz “vamos procurar a arca”». Mas levam «a arca para o acampamento» como se fosse a expressão de uma magia: portanto não se puseram à procura do Senhor mas de «algo mágico».

«O trecho da Escritura — frisou o Papa — faz-nos pensar» no modo «como é a nossa relação com Deus, com a palavra de Deus. É uma relação formal, uma relação distante? A palavra de Deus entra no nosso coração, muda o nosso coração, tem este poder ou não?». Uma série de perguntas — frisou o Pontífice — que «nos leva a pensar nas muitas derrotas da Igreja. Muitas derrotas do povo de Deus». Derrotas causadas «simplesmente» pelo facto que o povo «não ouve o Senhor, não o procura, não se deixa procurar pelo Senhor». E acrescentou: «Muitos escândalos que não quero mencionar um por um, mas todos os conhecem». E neste ponto falou sem meios termos sobre «vergonha da Igreja» pelos escândalos que soam como muitas «derrotas de sacerdotes, bispos e leigos».

O Papa Francisco concluiu a homilia com dois pensamentos: a palavra de Deus e o povo de Deus. Quanto ao primeiro propôs um exame de consciência: «É viva a palavra de Deus no nosso coração? Muda a nossa vida ou é como a arca que vai e vem?». Em relação ao povo de Deus reflectiu sobre o mal que lhe fazem os escândalos.

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana